



UnB

**Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Departamento de Teoria Literária e Literaturas**

A contribuição do Sermão de Santo António aos Peixes, de Padre António Vieira, para a construção do imaginário brasileiro sobre os povos indígenas

Beatriz Miguel Araújo

**Brasília - DF
Setembro/2022**



UnB

Universidade de Brasília

Instituto de Letras

Departamento de Teoria Literária e Literaturas

A contribuição do Sermão de Santo António aos Peixes, de Padre António Vieira, para a construção do imaginário brasileiro sobre os povos indígenas

Beatriz Miguel Araújo

Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e Respectiva Literatura, do Instituto de Letras (IL), da Universidade de Brasília (UnB), como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Gislene Maria Barral Lima Felipe da Silva

Brasília - DF

Setembro/2022

A contribuição do Sermão de Santo António aos Peixes, de Padre António Vieira, para a construção do imaginário brasileiro sobre os povos indígenas

Beatriz Miguel Araújo

Resumo

Neste artigo tratamos sobre a contribuição de Padre António Vieira para a visão, especialmente cultural, dos povos indígenas no Brasil e temos como ponto de partida a sua obra Sermão de Santo António aos Peixes. Como apoio para o tratamento do tema, utilizamos o conceito de “cultura” empregado pelo antropólogo Roque de Barros Laraia. Dessa forma, um dos objetivos deste artigo é aumentar a visibilidade acerca da problemática vivida pelos povos indígenas, desde o período colonial até os dias atuais. Para tanto, nos baseamos em escritos da época para fazermos um contraste entre: como esse grupo era visto aos olhos dos colonizadores; como a figura religiosa de Padre António Vieira interferiu nessa cultura; e de que maneira concepções preconceituosas, daquela época, ainda ecoam na nossa atualidade. Entendemos que até hoje há resistência em aceitar a cultura dos povos que já habitavam o Brasil antes da chegada dos colonizadores, e por isso percebemos a necessidade de trazer reflexões, incluindo dados oficiais, sobre o atual embate dos indígenas para ganhar mais espaço na sociedade. A figura de Padre António é a escolhida por ser a primeira que percebe e preocupa-se com a exploração dessa comunidade, sendo até sensível o suficiente para entrar em confronto com os colonos. Sabemos que atualmente grande parte dos brasileiros ainda compartilha pensamentos preconceituosos relacionados aos povos indígenas, mas também entendemos que a literatura tem um papel social para cumprir, que é justamente compartilhar informações e tornar mais dinâmicas as leituras ante a realidade. Por isso fazem-se necessários mais trabalhos relacionados à temática para tornar mais claro o processo de desconstrução do imaginário indígena apenas como figuras do folclore ou “selvagens”.

Palavras-chave: Cultura Brasileira; Indígenas; Colonização; Padre António Vieira; Sermão de Santo António aos Peixes.

Abstract

In this article we discuss the contribution of Padre António Vieira to the vision, especially cultural, of the Indigenous peoples in Brazil. We have as a starting point his work Sermão de Santo António aos Peixes. To support this, we can adopt the concept of “culture” used by the anthropologist Roque de Barros Laraia. In this way, one of the objectives of this article is to increase the visibility of the problems experienced by Indigenous peoples, from the colonial period to the present day. To do so, we based ourselves on writings of the time to make a contrast between how this group was seen in the eyes of the colonizers; how the religious figure of Padre António Vieira interfered in this culture; and how prejudiced conceptions of that time

still echo today. We understand that until today there is a resistance in accepting the culture of the peoples who already inhabited Brazil before the arrival of the colonizers, and that is why we perceive the need to bring reflections, including official data, on the current struggle of the Indigenous people to gain more space in society. The figure of Padre António is the chosen one because he is the first one who understands and is concerned with the exploitation of this community, being even sensitive enough to come into confrontation with the settlers. We know that currently a large part of Brazilians still share prejudiced thoughts related to Indigenous peoples, but we also understand that literature has a social role to fulfill, which is precisely to share information and make readings more dynamic in the face of reality. More work related to the theme is needed to clarify the process of deconstructing the indigenous imaginary only as figures of folklore or “savages”.

Keywords: Brazilian culture; Indigenous; Colonization; Padre António Vieira; Sermon of Santo António aos Peixes.

1. Padre António Vieira: um “anjo”? – Uma introdução

António Vieira, nascido em 1608, em Lisboa, foi um filósofo, escritor e orador da Companhia de Jesus. Mais conhecido como Padre António Vieira, destacou-se por ser uma figura missionária muito influente no Brasil, além de defender os judeus, os povos indígenas e a abolição da escravatura. Morreu aos 89 anos, em Salvador, e deixou marcas na literatura, pois os sermões escritos por ele são importantes peças literárias do barroco brasileiro e do português.

Vieira chegou ao Brasil em 1614 e iniciou seus estudos no Colégio dos Jesuítas de Salvador. Em 1623 ingressou na Companhia de Jesus, ordem religiosa fundada em 1540, e tornou-se um dos maiores grupos católicos. A Companhia de Jesus, além da função missionária, também estava muito envolvida com a educação. No Brasil, mesmo com os desafios na comunicação, os jesuítas conseguiram instalar colégios e participaram de vários conflitos envolvendo a escravização indígena, dado que, no intuito de proteger os nativos da terra, os religiosos solicitaram à Coroa Portuguesa leis que estabelecessem a todos o direito de serem respeitados.

Padre António Vieira, sendo uma das pessoas que compunham essa ordem religiosa citada, defendeu incansavelmente o direito desses povos, inclusive combatendo a exploração e a escravização. Dessa forma, ficou conhecido como “*Paiçu*”, ou seja, Grande Padre/Pai, na língua tupi.

Como relatado anteriormente, o religioso contribuiu para a literatura, em especial, no desenvolvimento da prosa no Brasil e em Portugal. Dentre os feitos literários, destacamos os sermões (mais de 200), dos quais o mais famoso é o Sermão da Sexagésima, que é dividido em 10 partes e escrito à moda conceptista¹ do Barroco e tem como temática a importância de semear a palavra de Deus. Além disso, também produziu: Sermão pelo Bom Sucesso das Armas de Portugal contra as de Holanda (1640); Sermão dos Bons Anos (1642); Sermão do Mandato (1645); Sermão do Espírito Santo (1657); Sermão de Santo António aos Peixes (1654), entre outros. Os dois últimos sermões mencionados falam, de modo geral, sobre a importância de se lutar em defesa dos índios e da sua dignidade, sendo o último, Sermão de Santo António aos Peixes, objeto de estudo deste artigo.

O período colonial, no qual o Padre se debruçou a escrever seus sermões, foi fundamental para as literaturas posteriores. Como bem pontua Bosi (1994, p. 13),

os primeiros escritos da nossa vida documentam precisamente a instauração do processo: são informações que viajantes e missionários europeus colheram sobre a natureza e o homem brasileiro [...] No entanto, a pré-história das nossas letras interessa como reflexo da visão do mundo e da linguagem que nos legaram os primeiros observadores do país. É graças a essas tomadas diretas da paisagem, do índio e dos grupos sociais nascentes, que captamos as condições primitivas de uma cultura que só mais tarde poderia contar com o fenômeno da palavra-arte.

Relacionado à temática indígena, é importante ressaltar que antes dos escritos do padre, a Carta de Pero Vaz de Caminha trouxe relatos dos povos que aqui habitavam. Diferentemente do religioso, a obra de Caminha é carregada de impressões estereotipadas, como aponta esse trecho: “A feição deles é serem pardos maneiras d’avermelhados de bons rostros e bons narizes bem feitos. Andam nus sem nenhuma cobertura, nem estimam nenhuma cousa cobrir nem mostrar suas vergonhas”. Desta forma, é importante enfatizar o peso que essa obra carrega diante da cultura indígena: reduzindo-os à condição de selvagens, de acordo com os padrões culturais e estéticos dos colonizadores.

Para adentrarmos na questão indígena em António Vieira, é necessário compreender que ele era contrário à escravização, entretanto era uma figura atrelada à Coroa Portuguesa, logo trabalhava também pelos interesses dela. Entretanto, isso não diminui a genialidade de sua obra, pois os traços irônicos são fundamentais para a compreensão e a interpretação de seus textos, nos quais são questionados e criticados os problemas do governo português no Brasil, como, por

¹ Conceptismo é um “jogo de ideias”. Tem como objetivo convencer o leitor sobre os argumentos apresentados no texto, ou seja, tinha uma retórica aprimorada. O maior representante desse estilo é o escritor espanhol Francisco Gómez de Quevedo, mas no barroco da língua portuguesa o Padre António Vieira também leva esse destaque.

exemplo, os escândalos de corrupção da colônia e a escravização do homem sobre o homem.

De acordo com Bosi (2011, p. 15), “Vieira não desistiu do seu intento apostólico visitando assiduamente todas as aldeias indígenas da Bahia administradas pelos jesuítas. Aprendeu o tupi, que, segundo seu testemunho, dominava tanto quanto o português”, ou seja, essa figura religiosa, embora tivesse que “agradar” os colonizadores, também reconhecia a importância desse grupo étnico, mas não somente em termos de língua. Logo, podemos afirmar que o Padre se dedicou à catequese e à defesa dos povos indígenas, mesmo precisando enfrentar, algumas vezes, os colonos.

Após ter contemplado alguns aspectos importantes sobre a vida de Vieira, apresentamos a estrutura deste artigo, que se acha dividido em seis partes, a saber: 1. Padre António Vieira: um “anjo”? – Uma introdução; 2. O Sermão de Santo António aos Peixes – Uma análise; 3. O conceito de cultura; 4. As inferências do projeto colonial na cultura indígena; 5. Os reflexos vividos por esses povos na atualidade; 6. Considerações finais. Faz-se necessário este estudo, dado que nosso objetivo é analisar o Sermão de Santo António aos Peixes, de Padre António Vieira, e realizar um cotejo entre o conceito de “cultura”, do antropólogo Roque de Barros Laraia, e os reflexos dessa visão para o imaginário brasileiro sobre os povos indígenas na nossa contemporaneidade, pois sabemos que é esporádica a exploração sobre esse tema.

2. O Sermão de Santo António aos Peixes – Uma análise

O Sermão de Santo António aos Peixes é uma das obras do Padre António Vieira e será analisada neste artigo. Este sermão foi pregado, no dia 13 de junho (dia de Santo António), em 1654, em São Luís do Maranhão, no Brasil. Três dias depois de o pregar, o religioso foi para Lisboa, onde tentou propor leis que garantissem direitos básicos aos indígenas brasileiros, de forma que estivessem protegidos da exploração dos colonos.

Essa obra demonstra excelente imaginação, habilidade com vários recursos linguísticos, como, por exemplo, a satírica, a metáfora e a ironia, inclusive seu poder em relação à oratória. O texto é uma alegoria relacionada aos homens: por exemplo, os peixes funcionam como simbologias para algumas virtudes humanas:

Ah peixes, quantas invejas vos tenho a essa natural irregularidade! Quanto melhor me fora não tomar a Deus nas mãos, que tomá-lo indignamente! Em tudo o que vos excedo, peixes, vos reconheço muitas vantagens. A vossa bruteza é melhor que a minha razão e o vosso instinto melhor que o meu alvedrio.²

A obra está dividida em seis partes: capítulo I (Exórdio - Parte Introdutória), capítulo II (Louvores em geral), capítulo III (Louvores em particular), capítulo IV (Repreensões em geral), capítulo V (Repreensões em particular), e capítulo VI (Peroração ou conclusão).

A parte introdutória faz uma espécie de chamamento: “Vós sois o sal da terra”. Os pregadores representam o sal da terra, e o sal impede a corrupção; entretanto, na terra não lhes dão ouvidos, logo voltam para o mar, onde estão os peixes, como podemos constatar nesta passagem da obra:

O fruto que tenho colhido desta doutrina, e se a terra tem tomado o sal, ou se tem tomado dele, vós o sabeis e eu por vós o sinto. Isto suposto, quero hoje, à imitação de Santo Antônio, voltar-me da terra ao mar, e já que os homens se não aproveitam, pregar aos peixes. O mar está tão perto que bem me ouvirão.

O desenvolvimento do sermão acontece nas partes II a V, pois o padre pontua as qualidades dos peixes, como a obediência, além de repreender os vícios, como a soberba e o oportunismo. Conforme podemos ler,

os arrogantes e soberbos tomam-se com Deus; e quem se toma com Deus, sempre fica debaixo. Assim que, amigos roncadores, o verdadeiro conselho é calar e imitar a Santo Antônio. Duas cousas há nos homens, que os costumam fazer roncadores, porque ambas incham: o saber e o poder [...] Eis aqui, peixinhos ignorantes e miseráveis, quão errado e enganoso é este modo de vida que escolhestes. Tomai o exemplo nos homens, pois eles o não tomam em vós, nem seguem, como deveram, o de Santo Antônio.

Dessa maneira, fica claro que há diversos tipos de peixes na obra, corroborando a ideia da metáfora. Entretanto, em relação a esses animais, as virtudes estão postas a Tobias (bondade), Rémore (força), Torpedo (boa energia) e Quatro-Olhos (prudência). Conforme esse trecho do texto,

esta é a língua, peixes, do vosso grande pregador, que também foi rémore vossa [...] admiração de uma tão grande virtude vossa, passemos ao louvor ou inveja de outra não menor, admirável é igualmente a qualidade daquele outro peixezinho, a que os latinos chamaram torpedo. Ambos estes peixes conhecemos cá mais de fama que de vista; mas isto têm as virtudes grandes, que quanto são maiores, mais se escondem.

² Aqui utilizamos a versão do Sermão do domínio público da Universidade da Amazônia (UNAMA). Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000257.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2022.

Em contrapartida, os defeitos estão para os: Roncadores (soberbos), Pegadores (oportunistas), Voadores (ambicioso) e no Polvo (traidor). Todos esses apresentam voracidade: além de se devorarem, os maiores devoram os menores, como podemos notar:

E para que vejais como estes comidos na terra são os pequenos, e pelos mesmos modos com que vós comeis no mar, ouvi a Deus queixando-se deste pecado [...] conheçam e paguem o seu merecido aqueles que cometem a maldade? E que maldade é esta, à qual Deus singularmente chama maldade, como se não houvera outra no Mundo? E quem são aqueles que a cometem? A maldade é comerem-se os homens uns aos outros, e os que a cometem são os maiores, que comem os pequenos.

Podemos observar que há duas visões paralelas: Peixes que são quietos e devotos (representando os povos indígenas) e outros furiosos e inflexíveis (simbolizando os colonizadores). A alegoria é firme do começo ao fim da obra, inclusive convém realçar a enumeração, variedade verbal, abundância, propriedade vocabular e a vivacidade da descrição contida no texto para sustentar o imaginário alegórico. Tudo isso contribui para que, ao mesmo tempo que o sermão sirva para uma reflexão enquanto o papel do índio naquele momento da sociedade também funcione como uma espécie de homilia, ou seja, um texto religioso para ser proferido diante de várias pessoas, neste caso, inclusive para os colonos.

Logo, o zelo com a seleção das palavras e as comparações, para que não se torne tão óbvio, era um cuidado aparentemente minucioso de Vieira. Ensinar a palavra de Deus com o objetivo de criticar a relação de poder dos colonos com os indígenas e a relação abusiva de escravização de exploração está presente. Nas entrelinhas de todas as citações, é perceptível a presença da preocupação missionária de Vieira, portanto ele tinha noção da força dos temas abordados em seus sermões. Para Bosi (1992, p. 123),

[...] compor um discurso persuasivo, isto é, suficientemente universal nos argumentos para mover particularmente a fidalguia e o clero a colaborar na reconstrução do Reino, até então escorada, sobretudo, pela burguesia e pelos cristãos-novos.

Com isso inferimos que além do Padre saber sobre a problemática abordada na obra, também tinha noção do alcance de seu texto para vários públicos.

Na conclusão, António Vieira faz exaltações aos peixes que, por sua natureza, não podem ser sacrificados:

Com esta última advertência vos despido, ou me despido de vós, meus peixes [...] escolheu Deus certos animais que lhe haviam de ser sacrificados; mas todos eles ou animais terrestres ou aves, ficando os peixes totalmente excluídos dos sacrifícios [...] O motivo principal de serem excluídos os peixes, foi porque os outros animais podiam ir vivos ao sacrifício, e os peixes geralmente não, senão mortos; e cousa morta não quer Deus que se lhe ofereça, nem chegue aos seus altares.

Para finalizar o sermão, ele se confessa pecador e se despede com uma oração de louvor a Deus. Dessa maneira, nessa obra, além de exaltar a necessidade da pregação, também fica clara a crítica/condenação da exploração do homem para o homem.

Mesmo sendo uma obra do século XVII, percebemos que ainda traz assuntos da atualidade, pois perpassam nossa contemporaneidade. Dentre eles, identificamos a ganância, corrupção, preconceito, violência, intolerância cultural, entre outros. E isso fica claro na linguagem irônica utilizada por Vieira, como, por exemplo, na passagem abaixo:

E debaixo desta aparência tão modesta, ou desta hipocrisia tão santa, testemunham constantemente os dois grandes Doutores da Igreja latina e grega, que o dito polvo é o maior traidor do mar. (grifo nosso)

Essa reflexão também serve para as inúmeras evoluções humanas, mas, ao mesmo tempo, mostra a cristalização de alguns hábitos, pensamentos e comportamentos tão antigos, que parecem ser tradicionais.

Dessa maneira, os desafios da sociedade do tempo de Vieira ainda permeiam a nossa realidade. A discussão sobre as virtudes e os vícios ainda é uma preocupação social, inclusive da Igreja. A metáfora relacionada aos povos indígenas também se refere a uma problemática atual, uma vez que esse é um povo que ainda enfrenta o preconceito que está enraizado nesta época.

Toda a alegoria é impactante, pois é um pensamento à frente do tempo vivido pelo autor. A ideia de que peixes maiores comem os peixes menores pode ser interpretada como a grandeza que cada um tem na sociedade, mas sendo um valor relativo, ou seja, na era mercantil, Vieira desvela a realidade da competição “protocapitalista”³: são peixes grandes na colônia (colonizadores) que escravizam os nativos (indígenas, pois são “inferiores”), porém, na metrópole, são o alimento dos peixes maiores, já que não teriam como enfrentá-los.

³ Protocapitalista – Aqui é entendido como o cenário bem primitivo em relação ao capitalismo.

Na passagem que o Padre questiona “o efeito do sal [, que] é impedir a corrupção, mas quando a terra se vê tão corrupta como está a nossa, havendo tantos nela que têm ofício de sal, qual será, ou qual pode ser a causa desta corrupção?”, ele também sugere duas possibilidades: “Ou é porque o sal não salga, ou porque a terra se não deixa salgar”. Logo, mais uma vez, temos indícios da ciência do religioso sobre a importância da denúncia da exploração indígena e da impiedade das pessoas, lembrando que Deus seria capaz de eliminá-la.

Portanto, a partir de tudo o que foi constatado, o percurso textual seguido pelo autor revela que outra leitura pode ser feita, sem ser necessariamente religiosa. A coerência, o jogo de palavras, a ironia, a eloquência e a semântica utilizada favorecem para a reflexão sobre os problemas da sociedade e diante dos olhos de Deus: a ambição tomou conta da humanidade de maneira tão fervorosa que se necessário utilizam outras pessoas para obter os bens materiais.

2 O conceito de cultura

Roque de Barros Laraia, nascido em Pouso Alegre, em 1932, é um cientista político e antropólogo brasileiro formado pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Em 1969 transferiu-se para a Universidade de Brasília (UnB), onde dirigiu o Instituto de Ciências Humanas (IH). Atualmente é professor emérito da UnB e membro do Conselho Nacional de Imigração e do Conselho Consultivo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Em uma de suas obras intitulada **Cultura: um conceito antropológico**, o autor expõe que para a autora Ruth Benedict⁴, no seu livro **O crisântemo e a espada**,

[...] a cultura é como uma lente através da qual o homem vê o mundo. Homens de culturas diferentes usam lentes diversas e, portanto, têm visões descontraídas das coisas. Por exemplo, a floresta amazônica não passa para o antropólogo – desprovido de um razoável conhecimento de botânica – de um amontoado confuso de árvores e arbustos, dos mais diversos tamanhos e com uma imensa variedade de tonalidades verdes. A visão que um índio Tupi tem deste mesmo cenário é totalmente diversa: cada um desses vegetais tem um significado qualitativo e uma referência espacial. Ao invés de dizer como nós: “encontro-lhe na esquina junto ao edifício x”,

⁴ Ruth Benedict, nascida em Nova Iorque, foi uma antropóloga americana. A autora é bastante conhecida pelo seu último livro **O crisântemo e a espada**, publicado em 1946, que é um estudo da sociedade e da cultura do Japão com a incorporação dos resultados de sua pesquisa durante a Segunda Guerra Mundial.

eles frequentemente usam determinadas árvores como ponto de referência. Assim, ao contrário da visão de um mundo vegetal amorfo, a floresta é vista como um conjunto ordenado, constituído de formas vegetais bem definidas. (LARAIA, 2007, p. 67)

Assim sendo, aqui, trabalharemos com esse entendimento de que a cultura é como uma lente para que possamos entender o mundo, mas a depender de sua bagagem cultural, a visão/entendimento de mundo é completamente diferente da percepção do outro.

Fazendo um paralelo com o período colonial, os indígenas, que é o foco escolhido para este trabalho, foram julgados e ao mesmo tempo eram requisitados para as atividades econômicas, pois só o trabalho dos africanos não era o suficiente. Dessa forma, para a extração de produtos silvestres, por exemplo, era necessário um conhecimento acentuado sobre a floresta que somente os indígenas possuíam, então os colonizadores e os missionários, de certa forma, dependiam extremamente desse saber.

Ter esse conhecimento profundo sobre a floresta já é um aspecto que adentra a concepção de cultura, dado que, como apontou Laraia (2007, p. 68),

[...] podemos entender o fato de que indivíduos de culturas diferentes podem ser facilmente identificados por uma série de características, tais como o modo de agir, vestir, caminhar, comer, sem mencionar a evidência das diferenças linguísticas, o fato de mais imediata observação empírica.

À vista disso, a estigmatização cultural desse grupo étnico sempre foi presente, mas ao mesmo tempo esse conhecimento foi/é de extrema importância para outras comunidades. Entretanto, o que vemos atualmente ainda é uma perpetuação de pensamentos cristalizados nesse período colonial. Hoje em dia, o número de indígenas é bastante reduzido e esses são deixados à margem da sociedade.

Ressaltando o comportamento dos colonizadores, é necessário reconhecer que, para empreender essa “guerra cultural”, os portugueses descreviam esses povos como bárbaros, sanguinários, indomáveis e selvagens. Isso tudo para obter o trabalho braçal, a continuidade da escravização e a conversão desse público. Por isso, atualmente, no Brasil, é discriminado qualquer comportamento que não seja similar ao da maioria, Assim,

a nossa herança cultural, desenvolvida através de inúmeras gerações, sempre nos condicionou a reagir depreciativamente em relação ao

comportamento daqueles que agem fora dos padrões aceitos pela maioria da comunidade. (LARAIA, 2007, p. 67)

Dessa forma, podemos inferir que recebemos uma espécie da “herança cultural” dos colonizadores, mas rejeitamos a herança da cultura indígena. Isso porque é muito claro a diferença de tratamento de uma para a outra. E essa discrepância faz com que a lente que enxergamos a vida seja a mais correta e natural e por consequência a lente do outro é ruim, neste caso, é a cultura dos povos indígenas.

3 As inferências do projeto colonial na cultura indígena

O que temos como reflexo do passado colonial afeta muitos grupos, em especial os negros e os indígenas. Para Krenak (2019, p. 24),

o que está na base da história do nosso país, que continua a ser incapaz de acolher os seus habitantes originais – sempre recorrendo a práticas desumanas para promover mudanças em formas de vida que essas populações conseguiram manter por muito tempo, mesmo sob o ataque feroz das forças coloniais, que até hoje sobrevivem na mentalidade cotidiana de muitos brasileiros –, é a ideia de que os índios deveriam estar contribuindo para o sucesso de um projeto de exaustão da natureza.

Em relação aos povos indígenas, pode-se inferir que até hoje muitas pessoas ainda não têm o conhecimento de que o Brasil é um país plurilíngue. E como pontua Maher (2013, p.127),

várias foram as políticas linguísticas que, historicamente, vem, de uma forma ou de outra, tentando silenciar, erradicar línguas existentes em território brasileiro. Mas, como o deslocamento linguístico, isto é, o processo de substituição dessas línguas pelo português, não é um fenômeno inevitável ou irreversível.

E o aspecto linguístico é apenas uma das maneiras que comprovam a tentativa de apagamento dessa cultura. Dessa forma, “ao pensar os povos indígenas na atualidade considerando seus processos históricos, observamos o quanto são resistentes a tantas investidas contra sua cultura, identidade, língua e seus territórios” (RUBIM, 2016, p. 33).

Conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)⁵, inclusive a palavra “índio” deriva do engano de Colombo, pois julgava ter encontrado as Índias,

⁵ Disponível em: <https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/historia-indigena/nomes-e-classificacao-dos-indios.html>. Acesso em: 07 ago. 2022.

o “outro mundo”. Dessa forma, a palavra foi utilizada, desde então, para designar vários grupos indígenas. Logo, a palavra “índio” carrega ideias genéricas e ultrapassadas, ou seja, cheias de concepções eurocêntricas e que não contemplam a realidade desses povos.

Podemos inferir que inclusive por causa de um termo mal selecionado, há séculos, a diversidade indígena foi (está sendo) escondida. Atualmente, tem sido muito difícil trabalhar com esse imaginário tão cristalizado.

O contato com os colonizadores foi violento, as culturas indígenas ficaram com marcas que cada povo indígena possui de diferente maneira até hoje, seja com perdas de línguas, de rituais, de expressões corporais, até mesmo com a forma de transmitir sua cultura que era estritamente oral. (RUBIM, 2016, p. 181)

Certamente, mesmo com várias medidas realizadas na tentativa de inclusão desses povos, o Brasil ainda é um país que cultiva os estereótipos e carrega mitos envolvendo a cultura indígena. Ainda não há avanços consistentes em relação a esse pensamento colonizador.

Outro registro marcante dessa época são os crescentes números de desaparecimentos dos povos indígenas. Consoante os dados da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), a população indígena no ano de 1500 era de aproximadamente 3.000.000 habitantes, ou seja, havia aproximadamente 600 a 1.000 línguas indígenas. Entretanto, esse número reduziu bastante, pois de acordo com o Censo 2010, no Brasil existem cerca de 897 mil indígenas e 274 línguas indígenas. É importante ressaltar que a maioria dos indígenas brasileiros não fala a língua indígena (57%). Além disso, devemos observar que esses dados foram publicados há 12 anos, ou seja, infelizmente, com a pandemia do novo coronavírus (covid-19), é muito provável que esse número tenha diminuído mais ainda e os reflexos serão ainda mais significativos em relação à perda cultural.

4 Os reflexos vividos por esses povos na atualidade

Há algumas medidas que visam diminuir as diferenças marcadas de um passado totalmente violentado da cultura indígena. Entretanto, essas disposições ainda se mostram fracas e pouco acolhedoras para esses povos. Nesse sentido, cabe observar a linha do tempo disposta pelo IBGE, conforme mostrado no Quadro 1, adiante.

Quadro 1 - Evolução do processo de conquista de direitos e medidas de proteção aos índios, a partir do século XVI até o século XX – 1570-1979

1570	Primeira lei contra o cativo indígena	Esta lei só permitia a escravização dos indígenas com a alegação de "guerra justa"
1609	Lei que reafirmou a liberdade dos índios do Brasil	Importante lei que tentou garantir novamente a liberdade dos índios, ameaçada pelos interesses dos colonos
1686	Decretação do "Regimento das Missões"	Estabeleceu a base de regulamentação do trabalho missionário e do fornecimento de mão-de-obra indígena no Estado do Maranhão e Grão-Pará
1755	Aprovado o Directorio, que visava, através de medidas específicas, à integração do índio na vida da colônia.	Proibia definitivamente a escravidão indígena
1758	Fim da escravidão indígena: Directorio foi estendido a toda a América Portuguesa.	Secularização da administração dos aldeamentos indígenas: abolida a escravidão, a tutela das ordens religiosas das aldeias e proclamados os nativos vassalos da Coroa.
1798	Abolido o Directorio	O espírito "integrador" desse Directorio conservaria a sua força na legislação do Império Brasileiro
1845	Aprovado o Regulamento das Missões	Renova o objetivo do Directorio, e visava, portanto, à "completa assimilação dos índios"
1910	Criação do Serviço de Proteção aos Índios - SPI	O Estado republicano tutelou os indígenas
1952	Rondon criou o projeto do Parque Nacional do Xingu	Objetivo era criar uma área de proteção aos indígenas
1967	Criação da Fundação Nacional do Índio - FUNAI	Substituiu o extinto SPI na administração das questões indígenas
1979	Criação da União das Nações Indígenas	Primeira tentativa de defesa da cultura indígena, importante para a consagração dos direitos dos índios na Constituição de 1988

Fonte: IBGE⁶.

Mesmo com essas e outras medidas implementadas, ainda temos um cenário muito fragilizado no que se refere à ascensão dos povos indígenas na sociedade brasileira. Na esfera educacional, por exemplo, temos um número ainda muito baixo de indígenas no nível superior, embora na UnB a quantidade tenha crescido, segundo a notícia retirada da página da universidade⁷: "A Universidade conta atualmente com 229 estudantes de graduação e 33 de pós-graduação de diferentes etnias, além de docentes".

Esse problema de ascensão educacional começa desde a etapa da educação básica. Muitos se sentem desmotivados por vários motivos, dentre eles: não há escola próxima da residência e se sentem afastados por questões culturais e linguísticas. Por lei esse grupo deveria ter assegurado o uso de sua língua, além de ser um ato que compõe um dos objetivos do artigo 79, previsto nas disposições gerais da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que orienta o professor a "elaborar e publicar sistematicamente material didático específico e diferenciado" (BRASIL, 1996, Art. 79. § 2º).

⁶ Disponível em: <https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/historia-indigena/politica-indigenista-do-seculo-xvi-ao-seculo-xx.html>. Acesso em: 18 jul. 2022.

⁷ Disponível em: <https://noticias.unb.br/112-extensao-e-comunidade/5646-presenca-indigena-cresce-na-unb>. Acesso em: 18 jul. 2022.

Sabemos que ainda é um desafio contemplar, nos mais variados aspectos da sociedade, esse grupo étnico. É inegável que até hoje sofram com os reflexos do passado vivido por seus antepassados. Mas o que devemos impedir que continue acontecendo é a normalização da negligência com a comunidade, que já é relatada desde o Sermão de Santo Antônio aos Peixes, do Padre Antônio Vieira, em 1654.

5 Considerações finais

Passamos por vários pontos que denunciam o passado cruel vivo pela comunidade indígena. A contribuição de Vieira com o seu sermão foi fundamental para percebermos que, desde ao período de colonização, havia alguém preocupado não apenas com o interesse da Coroa Portuguesa, mas também com quem já habitava o Brasil.

O Sermão de Santo Antônio aos Peixes aponta-nos um cuidado, inclusive zeloso, pelos povos indígenas, dado que em momento algum a intenção foi de reafirmar os estereótipos dados pelos colonizados aos indígenas. Mas de mostrar que não são criaturas “selvagens” e sim humanos com qualidades, inclusive tece elogios a eles por serem bondosos e capazes de ouvir.

O impacto de Vieira para a literatura também deve ser considerado, dado que, embora estivesse praticando a literatura jesuítica/missionária, em suas obras, concentra-se o início da prosa, além de ser uma das principais expressões ideológicas e literárias da Contrarreforma. É inegável a sua desenvoltura com os recursos linguísticos e também em relação à oratória, conseqüentemente, é uma figura de relevância para o barroco brasileiro.

Por fazer parte dos escritos iniciais sobre o Brasil colonial, os trabalhos de Vieira também trazem à tona o conceito de cultura e como a comunidade indígena resistiu a tantas agressões. Na época ainda não se tinha esclarecido se realmente havia alguma cultura que se sobrepunha à outra, mas o fato é que os colonizadores tinham certeza de que eram superiores a qualquer outra. Dessa forma, neste artigo trouxemos o conceito de cultura utilizado por Laraia para elucidar que, mesmo que a sociedade esteja desenvolvida em vários aspectos, ainda estamos compartilhando pensamentos retrógrados, mal elaborados e marginalizando pessoas que se diferem da cultura predominante no nosso país.

Hoje a comunidade indígena, mesmo em número reduzido, ainda sente reflexo daquele momento colonial. Essa observação pode ser feita inclusive com os números da própria FUNAI, a qual é responsável por promover e garantir os direitos indígenas no Brasil. O número de línguas indígenas diminuindo, o frequente ataque às terras indígenas aumentando, a evasão desses povos nas escolas ou sendo reduzidos a pessoas que fazem parte do imaginário folclórico brasileiro, são algumas das várias problemáticas que atingem a comunidade.

Ter uma figura tão atuante, nos âmbitos literário, educacional, social e político, como Padre António Vieira, num período tão complexo foi bastante importante. As obras deixadas pelo religioso contribuíram para aumentar a visibilidade da comunidade indígena e também para que, futuramente, contribuísse para medidas de proteção dessa população. Hoje, os trabalhos de Vieira ecoam de forma positiva, dado que, mesmo enfrentando pessoas com poderes e à frente de sua época, mostram que a literatura não é apenas entretenimento, mas é arte e que está totalmente vinculada à sociedade e transmitindo conhecimentos que repercutem por muitos anos.

Referências

ARAUJO, Beatriz. Gêneros textuais acadêmicos para estudantes indígenas. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras - Português do Brasil Como Segunda Língua) - Universidade de Brasília, 2020.

BOSI, Alfredo. Antônio Vieira: vida e obra, um esboço. *In*: VIEIRA, Antônio. **Essencial Padre Antônio Vieira**. Organizado por Alfredo Bosi. São Paulo: Penguin; Companhia das Letras, 2011.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994.

BRASIL. **Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LARAIÁ, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

MAHER, Terezinha Machado. Ecos de resistência: políticas linguísticas e línguas minoritárias no Brasil. *In*: NICOLAIDES, Christine *et al.* **Política e políticas linguísticas**. Campinas: Pontes Editores, 2013.

OLIVEIRA, Ana Lúcia Machado de; OLIVEIRA, Carla S. E. S. O combate com a sombra – a alteridade indígena em Antônio Vieira. *In*: XXIII Congresso Nacional de Linguística e Filologia, 2019, Rio de Janeiro. **Cadernos do CNLF – Anais do XXIII Congresso Nacional de Linguística e Filologia**. Rio de Janeiro: Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos, 2019.

OLIVEIRA, João Pacheco; FREIRE, Carlos Augusto. **A presença indígena na formação do Brasil**. Brasília: MEC/SECAD; Rio: LACED/Museu Nacional, 2006. (Col. Educação Para Todos. Série Vias dos Saberes, v. 2). Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me004372.pdf>; <https://www.resenha critica.com.br/multidisciplinar/brathair-revista-de-estudos-celtas-e-germanico-sao-luis-v-1-n-1-2001-v-20-n-2-2020-s/>. Acesso em: 07 ago. 2022.

OLIVEIRA, Maria Izabel. Escravidão e salvação no Sermão das Tentações de Antônio Vieira. **Brathair – Revista de Estudos Celtas e Germânico**, v. 20, n. 2, 2019. Disponível em: <https://www.resenhacritica.com.br/multidisciplinar/brathair-revista-de-estudos-celtas-e-germanico-sao-luis-v-1-n-1-2001-v-20-n-2-2020-s/>. Acesso em: 07 ago. 2022.

RUBIM, Altaci Corrêa. **O reordenamento político e cultural do povo Kokama: a reconquista da língua e do território além das fronteiras entre o Brasil e o Peru**. 2016. 319 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

SANTOS, Emily. Índio ou indígena? Entenda a diferença entre os dois termos. **g1**, São Paulo, 19 abr. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2022/04/19/indio-ou-indigena-entenda-a-diferenca-entre-os-dois-termos.ghtml>. Acesso em: 07 ago. 2022.

SERMÃO DE SANTO ANTÔNIO AOS PEIXES. **educação.globo**, São Paulo, [s.d]. Disponível em: <http://educacao.globo.com/literatura/assunto/resumos-de-livros/sermao-de-santo-antonio-aos-peixes.html>. Acesso em: 07 ago. 2022.

SERMÃO DE SANTO ANTÓNIO AOS PEIXES. **Portal Domínio público**, 2022. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Serm%C3%A3odeSantoAnt%C3%B3nio_aos_Peixes. Acesso em: 07 ago. 2022.

SEVERO, David Ferreira. A inserção de Antonio Vieira no cânone literário. **Incelências – Revista do Núcleo de Programas Pesquisa**, v. 4, p. 1-19, 2015.

SOARES, Cássia. Sermão de Santo Antônio aos Peixes: uma análise das estratégias de manipulação e dos investimentos temáticos e figurativos. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 49, n. 3, p. 1712–1726, 1978. Disponível em: <https://doi.org/10.21165/el.v49i3.2504>. Acesso em: 07 ago. 2022.

VIEIRA, António. **Sermões**. Org. e int. de Alcir Pécora. 3. reimp. São Paulo: Hedra, 2003. Tomo I.

